

Cartas, Caminha(o), viajantes, mutantes, mares: grafias (in)visíveis (des)marcando espaços (s)em tempos

Andrade, Elenise Cristina Pires de; Oliveira, Renato Salgado de Melo

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Andrade, E. C. P. d., & Oliveira, R. S. d. M. (2010). Cartas, Caminha(o), viajantes, mutantes, mares: grafias (in)visíveis (des)marcando espaços (s)em tempos. *ETD - Educação Temática Digital*, 11(2), 124-145. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-119262>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Cartas, Caminha(o), viajantes,
mutantes, mares: *grafias* (in)visíveis
(des)marcando espaços (s)em tempos

Elenise Cristina Pires de Andrade
Renato Salgado de Melo Oliveira

RESUMO

Caminha encaminha uma carta ao Rei: “Da marinhagem e das singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Majestade - porque não saberei fazer e os pilotos devem ter este cuidado - e portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo”. Pretendemos, pelas viagens proporcionadas nesse texto, também falar e dizer de novas terras, outras *grafias*, diversos tempos. Criaturas vistas nas Terras Novas, apresentadas aos velhos olhares por Afonso d'Escagnolle-Taunay, mutantes dos filmes da Marvel Comics, *X-Men*. Tantas vidas, tantas novidades que escapam do controle sobre o que se classificar como novo, velho; normal, anormal; liberdade, controle. Que (in)visibilidades pulsariam dessas vidas? Tempos que se multiplicam nas memórias (ou seriam nos esquecimentos?) dos mutantes Wolverine e Magneto que nos acompanham por esses mares, memórias, marcações na pele. No primeiro filme o tempo universal da liberdade, *sempre* ela: a liberdade em tensões quase insuportáveis. No segundo, o espaço é sinal do passado, permanência de um tempo-memória. E por último o tempo que se arrasta da prisão, tempo que não pode ser liberado pois precisa ser normalizado. Tempos e lugares que se (?) escrevem (in)visíveis com os mutantes, pelos mares, com os viajantes que, como Caminha, *sempre* escrevem cartas. “Beijo as mãos de Vossa Alteza. Deste porto seguro, da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500” que, de onde começo, não termino. Também sabendo que possa, a quem se endereça tal *grafia*, d’ela não ter achamento. “Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos”.

PALAVRAS-CHAVE

Imagens; Cinema; Memória; Geografia

Letters, Caminha/way, travelers,
 mutants, seas: (in)visible writings
 (di)vesting spaces with(out)in times

ABSTRACT

Caminha forwards a letter to the King: "About sailors and sailing the way I shall not tell Your Majesty – for I will not be able to do so and the crew officers should worry about that – and therefore, My Lord, I shall start by telling you the subject of my writings". Through the voyages presented in this text, we intend to say and talk about new lands, other writings, diverse times. The creatures seen in the New Lands, presented the old eyes by Afonso d'Escragnolle-Taunay, mutants in the films by Marvel Comics, X-Men. So many lives, so much of the new escapes the control of what can be classified as old, new; normal, abnormal; freedom, control. What (in)visibilities pulse from these lives? Times multiplied in memories (or oblivions) of the mutants Wolverine and Magneto who have accompanied us throughout seas, memories, skin marks. In the first film, the universal time of liberty, as always: freedom in almost unbearable tensions. In the second one, the space is a sign of past, the permanence of a time-memory. And at last, the time that drags from imprisonment, time that can not be liberated for it needs to be normalized. Times and places that are (in)visibly written (?) with mutants, throughout the seas, with travelers who, like Caminha, always write letters. "I kiss the hands of Your Highness. From this safe port, from your Island of Vera Cruz, today, Friday, first Day of May 1500" and, from where I start, I have not finished. Also knowing that whoever is addressed by this writing may not find it at all. "This we thought ourselves, and gave it these meanings, just by wishing to do so".

KEYWORDS

Images; Cinema; Memory; Geography



CARTAS (DES)MARCAM

Senhor, posto que o Capitão-mor dessa Vossa Frota, assim como os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento dessa Vossa terra nova que agora nesta navegação se achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que - para o bem contar e falar - o saiba fazer pior que todos.

Entretanto, tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosear nem afear, aqui não se há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Majestade - porque não saberei fazer e os pilotos devem ter este cuidado - e portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo. (CAMINHA, 1500).

Prezado Pero Vaz

Antes de mais nada, quero lhe dizer que sempre desconfio de alguém que tem um Rei, um soberano, um senhor. Assim, já lhe aviso que não pretendo me atrelar a nada nem ninguém, nova terra, novas gentes. Escrevo por que curti a sua imaginação em inventar uma nova terra, novos sabores e gostos, águas e corpos de mulheres sem roupa (o que me deixou realmente interessado).

Interesse que, aliás, um povo daqui - autoproclamado ser humano - demonstra por outras pessoas, que são quase o mesmo mas que incomodam nesse intervalo do 'quase' - os mutantes - uma aversão, uma não-versão do humano, talvez. Mutações sem memórias nem registros, mas que se expressam em potências de força, de pensamentos, de olhares, de energia vital, de regeneração, de metamorfose. Posturas inclassificáveis e (in)visíveis, pois decorrentes de novos genes ou novas combinações de antigos arranjos.

Não me interessa que não consiga entender questões genéticas (para mim saber sobre o conceito da teoria gênica parece não alterar em nada a a-versão de uns para outros), pois quando imaginou as terras de Porto Seguro nada lhe assegurava das certezas genéticas do Velho e bom mundo europeu. Cansado de tanta memória, o Velho busca o Novo como tábua de salvação - perda de tempo!

O que se salva é a inexistência de qualquer salvação. Ação sim, pode conter novidades, explorações, desmembramentos de uma memória perturbadora. Como se uma origem comum assegurasse alguma coisa, alguma ideia, alguma moralidade. Pense comigo: Ilha



de Vera Cruz que depois se transforma em terra de Santa Cruz que se metamorfoseia em República Federativa do Brasil. O que tudo isso quer dizer, caro Caminha? X-Men em Nova Iorque, no Canadá, em Alcatraz. X para identificar o fator-X em nossos genes ou uma partícula “ex” para anunciar ao mundo que éramos humanos? Se mutante, se humano, o que tudo isso quer dizer, caro Caminha?

Cartas caminham por esse texto¹. Wolverine. Caminha. Magneto. Espaços e seres descritos, marcados por uma tentativa de entendimento, de explicação, de classificação nos “moldes” da normalidade, seja ela cultural ou científica. Viajantes que percorrem, em fluxos que se cruzam e se distanciam, por mares de águas doces, salgadas, plásticos, metais. Mar de abundância de sentidos e saberes e conhecimentos e memórias. O que querem as memórias? Por que, como nos questiona Nietzsche, em meio à perfeição instintiva e automática surgir um animal memorioso, que pode fazer promessas? Seriam essas promessas o sossego da fixação de tempos, de *grafias*, de *topos*, a serem constante e permanentemente lembrados para serem seguidos?

(...) Foi necessária muita violência, muita agressão para criar um animal consciente, um bicho com memória. Esse animal deixou de habitar o instante, ficou cativo de um passado e de um futuro, obrigado a lembrar o que já foi para prever o que virá (BARRENECHEA, 2006, p.37)

Wolverine parece perambular entre a busca de uma memória que o tornaria “mais humano” e o instinto-animal, tão criativo e potente “(...) O esquecimento permite eliminar cargas, superar *entulhos* do passado, outorga a alegria de se defrontar com o novo, com a criação” (grifo do autor, p.40) nos lembra Barrenechea ao dizer de Nietzsche. Magneto não quer esquecer, talvez porque não possa, visto estar visível na pele, *Memória da pele*² como canta João Bosco?

¹ Esse texto decorre da apresentação do trabalho “Espaços (s)em tempos: grafias (in)visíveis com os mutantes dos X-Men” no I Colóquio “A educação pelas imagens e suas geografias” realizado entre os dias 9 a 11 de novembro de 2009.

² Canção do álbum “Zona de Fronteira”, de 1991.



Bate é na memória da minha pele.
Bate é no sangue que bombeia na minha veia.
Bate é no champagne que borbulhava na sua taça
e que borbulha agora na taça da minha cabeça.
Eu já esqueci você, tento crer
nesses lábios que meus lábios sugam de prazer
sugo sempre, busco sempre a sonhar em vão
cor vermelha, carne da sua boca, coração³

Caminha viaja por mares “nunca dantes navegados”, narra ao seu Rei as maravilhas, as barbáries que por lá (aqui?) encontrou. Ou as teria inventado? Encontra um porto que chama de Seguro em uma terra que viria a ser de Santa Cruz. Marcas? Grafias de um lugar? Ao narrar, marcaria uma memória de origem? Chamamos Tronca (2002) junto a Foucault que, ao discorrer sobre a relação história-memória-linguagem nos fluxos que reverberam entre as narrativas científicas e literárias sobre a lepra no século XIX e Aids no XX, poder constatar uma “(...) Capacidade de projeção da memória, transfigurada em história, unindo passado, presente e futuro” (p.209). Carta que se transfigura até hoje, quando encontra outros viajantes, outros caminhos, outros mares.

Apostamos junto ao jogo de luzes, cores, *takes* de Brayn Singer, o diretor dos dois primeiros filmes da série dos personagens da Marvel Comics: em 2000, *X-Men*, o filme e, em 2003, *X-Men 2*. Embaçamentos de fronteiras, escapar da tão buscada, por muitas narrativas e identidades, linearidade lugar-memória-identidade. Fluidez numa potência do despertencimento da memória, máquina de subjetivação. Saberes e conhecimentos desmemoriados porque rejeitam a representação platônica de mundo. Caminhamos junto a cartas, Caminha, Wolverine, Magneto. Transição antes da fixação a superar a lucidez e a delimitação de fronteiras.

³ FONTE: Site oficial de João Bosco. Disponível em
< http://www.joaobosco.com.br/novo/pop_letras.asp?id=93>. Acesso: abr. 2010.



TIGRYT
As singularidades da França Antártica

“As singularidades da França Antártica”, Thévet.
 p. 81 da obra *Zoologia Fantástica do Brasil*



Cena do Filme X-Men 2
 Direção de Bryan Singer, 2003

Uma preguiça com cara de gente feliz vista por retinas que a concretizava e, nessa incorporação, marcou-se o lugar, o *habitat*, o instinto animal – ou a afeição humana – pelo filhote logo ao lado. Invencionices, diriam alguns. Como pode alguém, um dia, acreditar em animais **tão** híbridos, por isso inexistentes, nunca antes descritos, catalogados e nomeados pela ciência? Homem completamente diferente de animal, posto que não há como comparar civilização e selvageria, dizem praticamente todos – religiosos, cientistas, cineastas, alunos, artistas. Será? Wolverine-lobo. Preguiça-gente. Será?



Caro Lobo do Mar,

Há muita desorientação e dúvida em sua carta. Um Rei não é só um soberano ou senhor. O Rei é aquele que confere sentido à empreitada. De que vale se lançar ao mar e não ter a quem contar? Um velho poeta conterrâneo meu me disse que Deus deu ao mar o perigo, mas também é nele que espelhou o céu. Essa nova terra, todos esses novos sabores, gostos, corpos, águas que lhe chamaram a atenção partiram junto comigo do Tejo, como palavras. Mas é ao devolver essas palavras para o Rei que esse lugar achado se torna real e passa a ter nome.

A mim não cabe a sua desorientação. De todas as palavras que esqueci ou deixei de lado, de todos os traços que o piloto não riscou no mapa - são elas todas, coisas e lugares, que nunca passaram a existir. São todas elas fadadas ao silêncio do esquecimento. A memória do Rei é feita dos vestígios desses lugares onde jamais estive.

Pelas terras que viajei encontrei também essas criaturas quase animais, essas plantas quase vegetais, uma quase natureza, pois sem reino definido, sem classificação a dar-lhe garantia de existência. Como contar descrever ao Rei todos esses corpos quase elefantes, quase felinos? Essas aves coloridas? Como descrever o sabor do maracujá? Outros já navegaram: Marco Polo, Colombo, entre tantos - me alertaram sobre esses corpos, esses corpos sem

Rei.

Pelo que você me conta Lobo, aí em suas terras, o Velho Mundo também encontra o Novo. Os velhos humanos e os novos. Porém você não é capaz de contar essa história. Você não é capaz de juntar as suas



paisagens em uma narrativa, de contar tudo ao Rei. Você me pergunta o que tudo isto significa. Eu respondo: isto tudo só significa algo depois que você puder contar. Seu amigo Magneto conseguiu juntar seus vestígios, suas marcas e contou um significado para tudo isso. Seu amigo Xavier também o fez. Mas e agora Lobo, que você não conseguiu? Como pode continuar sem uma narrativa, sem um mapa que oriente sua navegação?

GRAFIAS (IN)VISÍVEIS

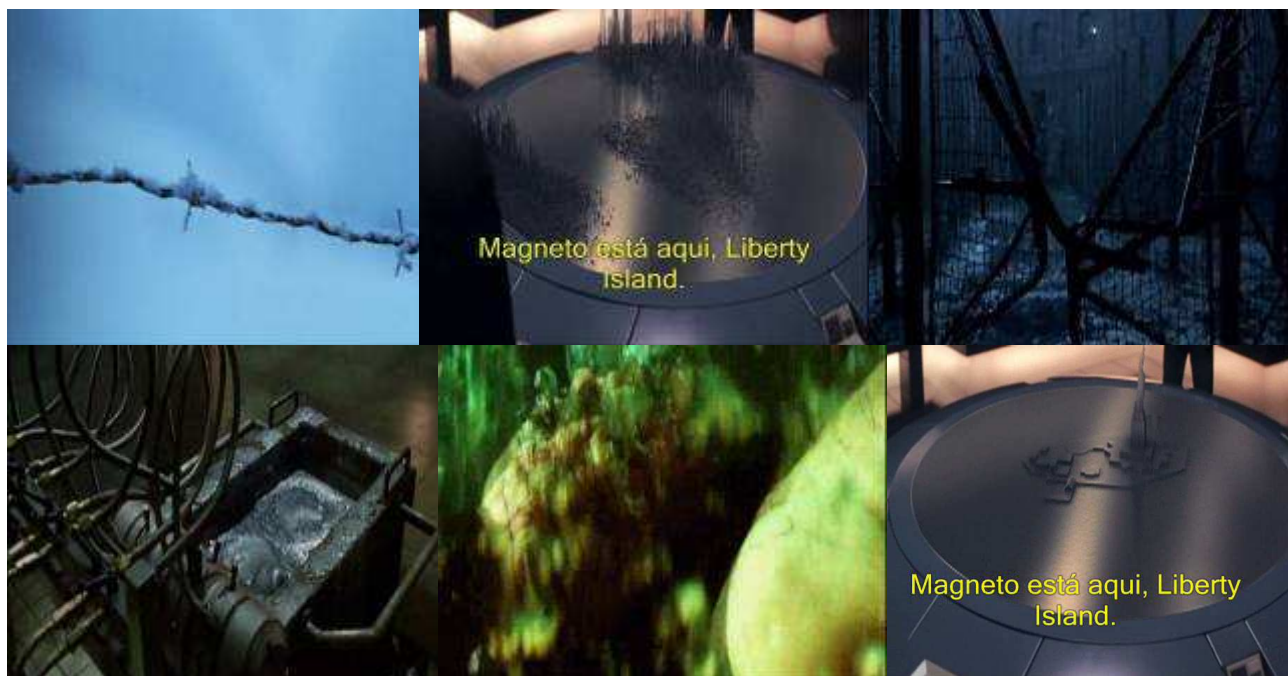
“Escrever cartas é apostar em uma resposta”

“Escrever é marcar um traço.

*Do encontro entre a carta e o destinatário
se faz uma cicatriz”*

(ANTELO, 1999, p.21-22)

Cartas, mapas, fotografias, cinema. São tantas as *grafias* que se pretendem do mundo. Talvez o que mais nos instigue não é a vontade de grafar, mas de fixar na grafia a existência verdadeira através de todos os tempos e espaços. Uma memória que se quer marcar na visibilidade. Memória transfigurada em história em tantas narrativas científicas e literárias, incluindo, certamente, muitas cartas. Pensemos em outro plano – não mais na narrativa, na *grafia* “em si”, querendo significar, mas nos fluxos potentes que se estabelecem e se diluem no encontro da carta-*grafia* com o seu destinatário-espaco-tempo. Parafraseando Deleuze que buscou em Espinosa “o que pode um corpo”, propomos aos leitores-viajantes: *o que pode uma cicatriz?*



Cicatriz encontro desmesurado, antes de ser marca, marcador. Talvez marca-dor. Wolverine é cicatrizado em seus ossos e, por isso, encontro invisível? Nasceu antes que Magneto, mas, devido à sua capacidade de regenerar qualquer ferimento, qualquer marca que possa ser escrita em seu corpo, com-figura-se mais jovem que Magneto. Corpo que não é escrito pelo tempo. Uma experiência no passado foi capaz de fraturar a sua memória, destruir suas lembranças. Wolverine perambula entre encontros e desencontros com um passado que parece retornar em fragmentos incapazes de constituir um sentido para o presente. Em Wolverine não temos esse espaço de marcação na pele. Sua mutação subverte e faz verter uma outra escrita narrativa para sua pele e para sua memória. Marcação nos lapsos de memória, sensação na alma/in-cons-ciência Magneto, por sua vez, expõe suas marcas, nas rugas da face, na pele com a tatuagem do campo de concentração, na sua construção de sentidos a vivência do tempo passado, presente em aviso de perigo constante: a repetição da história, das dores das marcas. Magneto escolhe não esquecer para pretender a liberdade, lugares de luta: o campo de concentração e a Estátua da Liberdade.

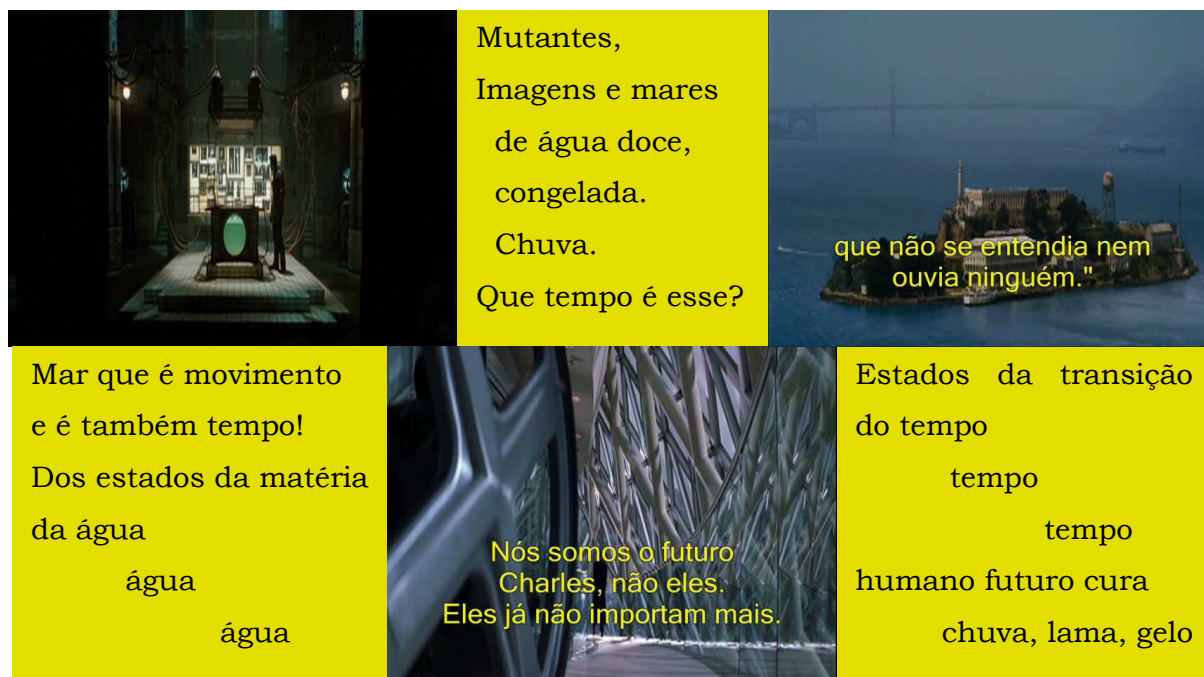


Tal Estátua retoma um tempo universal que é a *liberdade*. Um desejo que seria então presente em todas as especificidades históricas, a Revolução Francesa, a guerra de Independência Estadunidense, a sobrevivência ao Holocausto e por fim a resistência dos mutantes em outro mundo que afirma novamente o que “se pode ser” ou o que “é errado ser”. Assim, a *liberdade* seria um gesto a-histórico, a-temporal. Se para os humanos do filme, o gene (cicatriz?) o constitui como essencialmente humano, para Magneto a essência é sobre-humana: a vontade de liberdade e mais ainda a potência de afirmá-la. Magneto acredita serem os mutantes a evolução da humanidade, o futuro. Liberdade como imposição da escolha continua sendo *livre*?

Da tocha da Estátua da Liberdade implode a vontade de liberdade de Magneto. Uma máquina capaz de transformar a todos em mutantes mesmo que isso cause a morte de muitos humanos. Mais que uma vontade de igualdade, a *liberdade* de Magneto se pretende superioridade, evolução (no sentido positivo que se faz dessa palavra), um futuro outro que não seja esse da história humana que insiste em se repetir. Uma estátua que já é repleta de sentidos para a (não)liberdade: a luta pela liberdade, a terra da oportunidade, a busca pela felicidade multiplica-se novamente em uma empreitada de Magneto que liga o campo de concentração à Estátua da Liberdade em Nova York. Que liberdade é liberada desse esforço?

Talvez aqui uma de nossas primeiras tarefas seja a de nos instalarmos nas bordas do tempo, como sugere Foucault, num espaço em que ainda é possível produzir algum tipo de movimento de liberdade no emaranhado de fluxos, cada vez mais sofisticados e poderosos, que nos atravessam e produzem. Aí, talvez possamos recusar o que somos, libertar as mulheres da Mulher, como propõem várias feministas e encontrar *homens traidores*, que não se submetem às propostas subjetivantes impostas, para todos, pelo Estado (grifo da autora, RAGO, p. 50, 2005)

MARES MUTANTES



Mutantes são criaturas errantes, assim como o ato de navegar. Mas “navegar é preciso” (Fernando Pessoa). Criaturas que perambulam por entre (in)humanos. Vagueiam pela imensidão do mar sem fronteiras, mas tão repartido. Em um mundo demarcado por linhas (in)visíveis, os mutantes podem vir a ser intensidades do caos. Correntes e ventos. Memória e esquecimento.

A água em seus diversos arranjos, nesses filmes, pode ser vista como um *monumentum* pervertido. Segundo o historiador Jacques Le Goff (2003): “O *monumentum* é um sinal do passado (p. 526).” A água, seja líquida ou em forma de gelo, torna-se ao longo do filme a perversão deste sinal. O *monumentum*, como os flocos de gelo e a chuva, não se compõe dos restos do passado, mas é “tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação (p. 526).” No entanto, o gelo parece cristalizar a memória e impossibilita o fluxo contínuo das lembranças de Wolverine: evoca o passado, no entanto não perpetua a recordação. Perverte a memória enquanto narrativa linear do passado, o corpo de Wolverine não pode conter suas lembranças – o metal que fortaleceu seus ossos fadigou a sua mente. E o



corpo segue em vivências doloridas, amorosas, fluídas que vão re-compondo outras memórias, outros esquecimentos.

Flocos de gelo retidos no arame farpado, em primeiro plano; no fundo, manchas esbranquiçadas e azuladas - uma memória que se acumula pelos cantos e que também derrete com o calor. Errante, Wolverine caminha entre as ruínas de um antigo laboratório. Ilhas-*monumentum* espalhados por todos os lados, mas que não formam um arquipélago. Essa memória líquida de Wolverine é tempestuosa. O que será que Caminha, navegador experiente, diria de tais ilhas?

No campo de concentração a chuva cai incansavelmente. O jovem que mais tarde será chamado de Magneto exibe em seu braço uma escrita-*monumentum*. Escrita que não se limita a provar o passado, a existência de outros tempos além mar. Essa escrita, ao longo do filme, será também *monumentum*, irá “evocar o passado, perpetuar a recordação (p. 526)”. Uma grade de metal é fechada entre o jovem e a sua família. Enquanto o jovem quase-Magneto se esforça para se juntar novamente com os seus, a grade se contorce e dobra em sua direção, até que um soldado o desmaie com uma coronhada. O corpo de Magneto cai na lama. Fadiga de dor, de saudades de uma separação por vir. A imagem segue pela grade contorcida e a chuva continua caindo.

Wolverine, Magneto e Caminha buscam, cada um à sua maneira, narrar através da paisagem. Narrar o passado, o presente e o futuro. Esses três personagens lidam com a avassaladora experiência de narrar o imenso. Talvez o inenarrável *por si*, mas que se expressa através dessa narração. A imensidão dessa paisagem que se pretende mar. Uma paisagem onde as fronteiras não determinam separações claras, ao contrário, essas fronteiras criam

espaços intermináveis, nebulosos e caóticos. Imensamente criativos para a proliferação do pensamento-corpo.



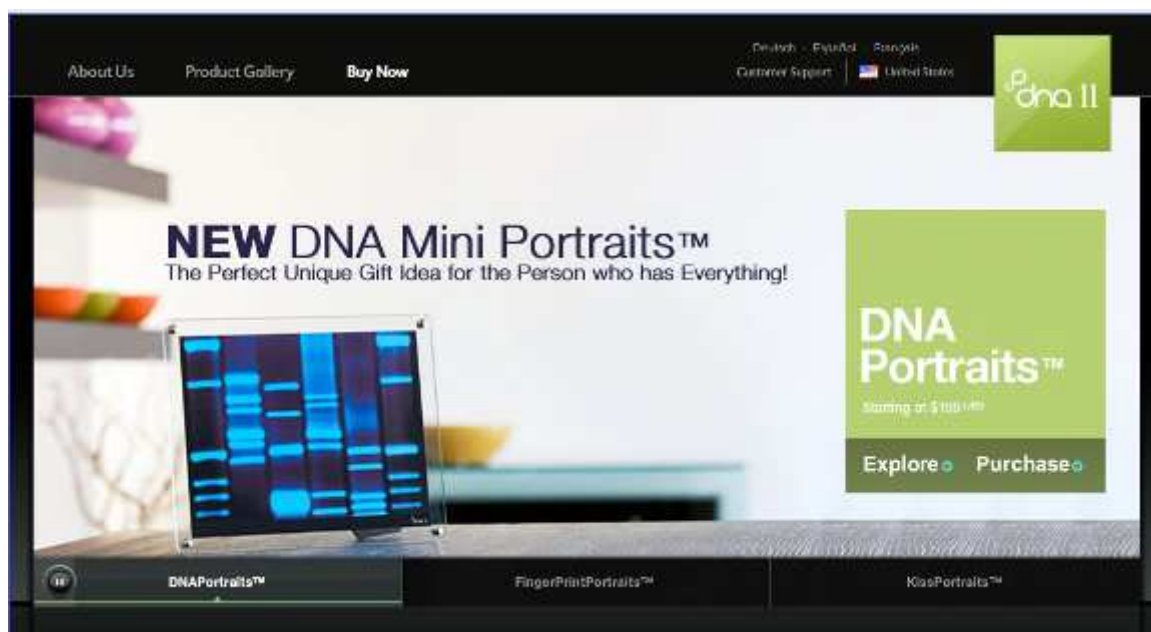
O Hay, animal monstruoso que figura em numerosas cartas da América do Sul e do Brasil no século XVII

Hay, p. 176 da obra *Monstros e monstrengos do Brasil*

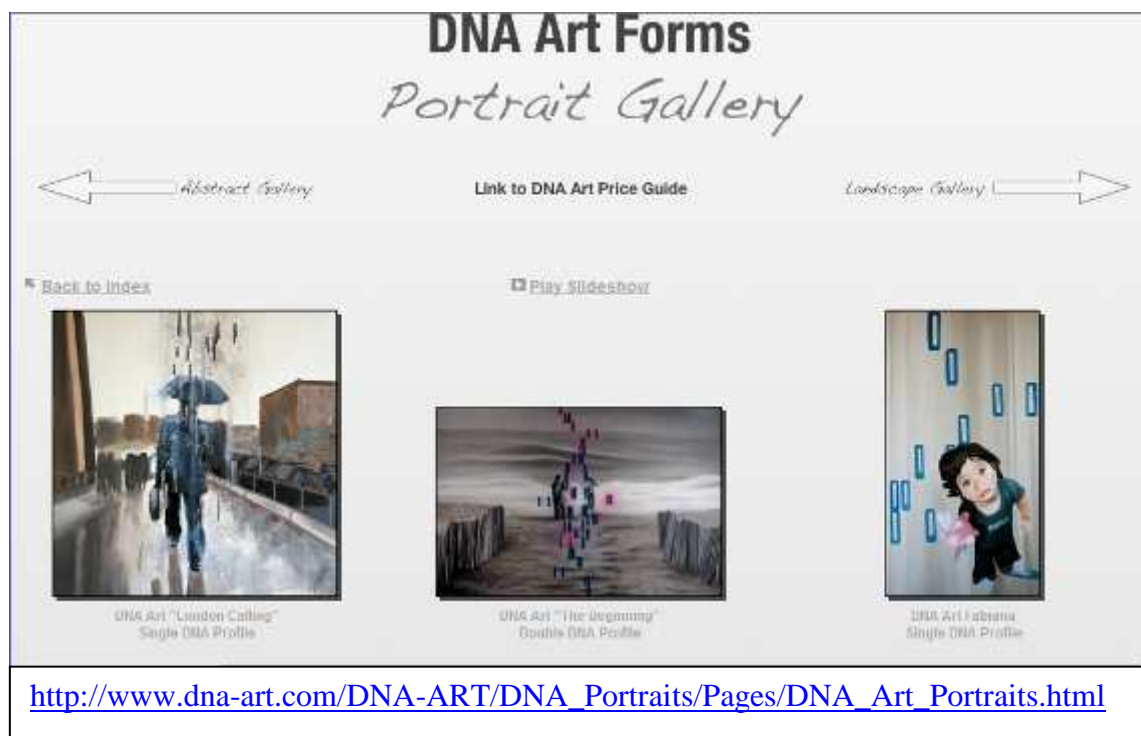
Que fronteiras e caminhos são (in)visibilidades para os viajantes dos mares e suas palavras-mundo grafadas por Caminha? “Ali pois então não houve mais fala nem entendimento com eles por a barbaria deles ser tamanha que não se entendia nem ouvia ninguém”. Barbaria e estranheza. Humano e mutante. Novo e Velho Mundo. “Afonso Taunay procura os registros do estranho, do inacreditável, do alguma vez real. Monstros e monstrengos que habita(m)(vam) os diferentes cantos do Brasil retratados, **vistos** e relatados por índios, negros, brancos, viajantes, naturalistas” (grifo das autoras,

ANDRADE; SPEGLICH; ROMAGUERA, 2007). Fauna que, apesar de não ser reconhecida pelos viajantes civilizados, é observada com os olhos domesticados por outra natureza de selvageria. Até meados do século XVIII esses seres foram considerados raros, misteriosos e reais. Reais porque eram vistos, registrados, catalogados. Misteriosos porque nos ajudariam a produzir os tênues e dispersos limites entre natural e não-natural, conhecido e desconhecido, cultivado e vulgar, o civilizado e o selvagem à medida que são registrados ou apagados das anotações, desenhos e livros dos naturalistas ao longo dos séculos (DASTON; PARK, 1998, p.17).

E agora, no século XXI, quais movimentos proporcionam tais desmanches de fronteiras? Clonagens, terapias gênicas, pesquisas com células tronco, dentre tantas outras (im)possibilidades. Viajantes civilizados, retinas selvagens e um personagem se faz presente, independentemente de sua (in)visibilidade – a matéria prima dos genes – o ácido desoxirribonucleico que também atende pela sigla DNA. Mutantes e humanos, nos filmes dos *X-Men*, movimentam-se por mares de genes. Marcas íntimas? Magneto, ao viver na pré-história, provavelmente nem saberia de sua mutação, visto só alcançar metais magnetizáveis. Seria, assim, um dom/presente, quando não sabemos que o ganhamos, mesmo o possuindo? Wolverine sempre saberia que algo diferente marca seu corpo, fosse qualquer época histórica. Que memória é essa da herança genética? É possível esquecer-se dessa memória? Por quais mares ela se espalha?



<http://www.dna11.com/>



Talvez pelos mares da *world wide web*. Seria a *www*⁴ um mar mutante a convidar viajantes por outros caminhos ainda mais confusos? Confusões muitas vezes (in)visíveis, (in)detectáveis, superficiais, pois escritas, marcadas, tatuadas, no código genético, nos julgamentos morais. Estariam estas – memórias, confusões – na superfície, em profundidade? Superfície que não carrega as mazelas da negatividade, como tão comum parece ser algumas discursividades contemporâneas. Profundidade que, como nos avisa Deleuze (2006), nada tem de melhor, maior, intensivo. Corpo marcado nesse que seria para alguns a essência biológica do humano. Teríamos mesmo essa essência no fundo, no fundo, no fundo? Ou fugiria essa para o raso, raso, raso?

⁴ Esses dois sites são trazidos por Paula Sibilia, em **Pendure seus genes na sala** (<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2923,1.shl>) onde a pesquisadora tece comentários sobre a originalidade de tais “obras de arte” e como a organização sócio-político-econômica contemporânea abre espaços para outras possibilidades de imortalidade e sagrado – neste caso com manipulações dos registros do genoma das pessoas.

Raso, profundo, superfície, e os conceitos propostos por Gilles Deleuze para um outro entendimento (ou um desentendimento que prolifere o pensamento?) da teoria platônica de mundo – entendido e vivenciado a partir das comparações e hierarquias. Interpretação através de uma mediação – o mito das sombras e a caverna – seria a fundamentação essencial para o estabelecimento desse mundo. Fundamentação que não suportaria uma superficialização, posto que isso significaria uma fissura na profundidade. Um apagamento do Iluminismo que as luzes das ciências trazem à vida. Ser superficial seria uma afronta às verdades da fundamentação, que requer esclarecimentos e não nebulosidades. E as imagens? “Elementar meu caro Caminha e Wolverine, elas representam o mundo, possibilitando às pobres retinas apenas a interpretação do que nunca tais neurônios teriam a capacidade de apreender”. Discordamos desse Sherlock platônico! Apostamos que elas sejam

Ampliações pelos mundos, pelas imagens do próprio mundo e não pela busca de desvelamentos secretos de um conhecimento a ser procurado na imagem. Acompanhar tais desestabilizações e irromper com diferenças e singularidades que parecem expulsas dos olhares humanos em uma Verdade concreta e real do conhecimento do mundo. No entanto, o que comumente encontramos nos trabalhos científicos, reuniões de planejamento e discursos oficiais é que o ensino-aprendizagem e mesmo a produção de conhecimentos científicos “ganham” (ou necessitariam de?) com as imagens, uma fortíssima aliada para o resgate e apreensão verdadeiros do mundo (ANDRADE; SPEGLICH; ROMAGUERA, 2007).





Caminha escreve, narra e cria mundos para seu Rei.

Wolverine se tece e se contorce em líquido-sólido maquínico-humano.

Magneto ex-pulsa a cicatriz do encontro na memória.

Fronteiras?

As fronteiras do nosso país, senhor? Como assim, senhor? Pelo norte, fazemos fronteira com a Aurora Boreal; pelo leste, com o sol nascente; pelo sul, com a procissão dos Equinócios; e, pelo oeste, com o Dia do julgamento Final. (GAILMAN, 2002).

TEMPOS VIAJANTES

Antigamente, e isso já faz muito tempo, bem no meio dos quatro cantos do mundo, existiam umas ilhas protegidas pelo Mar.

Eram ilhas secretas, e o Mar as chamava de ilhas Preferidas. De tempos em tempos – o que era bem raro –, um destemido navegante munido de luneta de alta precisão avistava uma delas, ensolarada, surgindo ao longe. Mas assim que ele gritava “terra à vista!”, a ilha desaparecia numa súbita neblina, e logo vinham tempestades, ciclones e tornados, tufões e vagalhões.

E como os marinheiros têm mais o que fazer no mar além de naufragar todos os dias, paravam a exploração por ali mesmo.

Os homens do mar chamaram essas ilhas de Andarilhas, porque, como costumavam dizer, elas não paravam quietas, e contentaram-se em inscrever alguns nomes em seus mapas, ao sabor dos encontros.

(...)

Com o tempo, no entanto, seus nomes foram se apagando. As cartas náuticas foram se despedaçando como velhas cartas de baralho, e ninguém mais falou, em lugar nenhum, do Arquipélago das Andarilhas (PRÉVERT, p.5-6, 2008)

Wolverine em busca de seu passado, voltando para o Canadá durante *X-Men 2* é a intensidade que percorremos pelos tempos mutantes. “Lobo do mar” vaga pela paisagem de gelo sem que essa o capture e permita uma narrativa. De volta à escola do professor Xavier, Wolverine entra em confronto com alguns invasores que parecem conhecer seu passado, podendo indicar pistas para o caçador perdido. Que mutação seria essa a de caçar a própria memória? Instantes antes do confronto com os invasores, uma parede de gelo é criada entre eles e Wolverine por um outro mutante. Um estancamento do fluxo de memória que torna impossível distinguir os vultos do outro lado do gelo.

Ao voltar às montanhas rochosas no Canadá, Wolverine encontra o laboratório em que se passou a experiência que dilacerou a sua memória. Liquefazendo-a? O adamantium compõe o esqueleto mais resistente dentre os humanos, mas é injetado líquido, que borbulha, que carrega um esquecimento fluido que movimenta Wolverine. O “Lobo Caçador” caminha pelo laboratório em busca de marcas e vestígios que sejam capazes de contar algo para ele, mas tudo explode em flashes, em fragmentos insuficientes para compor um todo, um sentido, como a memória faz para Magneto. Que sentidos exigimos das memórias? Marcas na parede, portas deixadas abertas, uma máquina cheia de água, e um breve momento onde há um afogamento, um corpo se debatendo enquanto um metal entra em sua pele e vai conquistando cada centímetro do osso, ao mesmo tempo em que o afogamento vai dissolvendo a memória e fraturando as lembranças. Relances que são incapazes de compor uma paisagem, um lugar que não se sustenta como monumento para a memória. Em Magneto, uma agulha perfura a pele e a marca em uma memória da pele, da dor, da submissão. Em Wolverine, a agulha perfura e preenche os ossos, enquanto esvazia a fixidez da memória. Sentir o cansaço da dor e não a recordação forçada. Permitirmo-nos esquecer para darmos chance, como diz Phillips (2005), à memória desregrada, à memória involuntária como nos lembra Deleuze (2003).

Mostra-se, assim, de que modo a intensa problematização atual do risco de esquecimento diz respeito a uma relação igualmente problemática com a temporalidade: na velocidade crescente solicitada aos corpos, como ativar a potência salutar do esquecimento, como conquistar o tempo necessário para a digestão? Digerir leva tempo. Um tempo não mais pensado como caminho irreversível (e cada vez mais precoce) para a morte, mas acolhido e alargado, em favor da vida (FERRAZ, 2008)

Em Wolverine as coisas são incertas. A memória não é suficiente como a de Magneto para compor sentido ao presente, não é capaz de narrar um lugar, pois a paisagem nada ou tudo lhe diz ao mesmo tempo. Seu corpo engana, não é possível saber sua idade, nem suas marcas da história (como a tatuagem de Magneto). Apesar do metal em seu osso ser uma marca do passado, não lhe diz nada, não atua como uma datação de sua vida. O passado perturba Wolverine, não permite o descanso da memória, o esquecimento. Cobra, ameaça o presente como impossibilidade de continuidade e de escolhas caso não retome o passado Para



Wolverine resta a escolha de buscar uma continuidade que se afirma confusa ou arriscar um novo começo em sentido ao futuro. Mas até que ponto essa escolha é realmente possível?

O primeiro filme começa em um campo de concentração na Alemanha nazista. Afirmando assim um passado que se esforça na eliminação da diferença e na existência de resistência e de sobrevivência. A cena trata da infância do personagem Magneto, tatuado no braço sua condição de diferente e de prisioneiro. O então garoto entorta as grades de metal do campo ao ser separado de sua família. Um tempo passado capaz de afirmar toda a construção de sentido do presente para Magneto. Ao ver o discurso político dos humanos contra os mutantes, Magneto compreende aquilo como o retorno do tempo, como uma re-afirmação de um passado que não quer de forma alguma passar. “Uma das coisas que desejamos é uma maneira de recordar que garanta, de alguma maneira, que uma repetição seja impossível. Mas é possível que essa própria demanda – mais semelhante a um exorcismo do que a um diálogo – seja ao mesmo tempo intimidadora demais e irrealista em excesso” (PHILLIPS, 2005).

Acompanhar Magneto, Wolverine e Caminha pelas trilhas das memórias desmarcadas, na tentativa de não fixar a elas o que Adam Phillips (2005) diz ser o *mito redentor da memória*, como se fosse possível ter uma maneira apropriada para recordar e termos a vida que desejamos.

Há a obsessão e há o descarte, e nem sempre está em nosso poder decidir qual é qual. E é esse fator, talvez acima de todos os outros, que faz com que obrigar as pessoas a lembrarem – assim como forçá-las a comer – seja ao mesmo tempo tão implausível e tão problemático moralmente. (PHILLIPS, 2005).

Singrar os mares nunca dantes navegados pelas singularidades de cada sensação, conhecimento, saber. Desatrelar a memória de uma comparação e significação *à priori*, liberando-a para viagens pelos esquecimentos. “Saber, memorizar, lembrar excessivamente acaba estragando a *digestão* psíquica, barrando a novidade, impedindo a alegria de ver acontecer as coisas como se sempre fosse a primeira vez” (BARRENECHEA, p.43, 2006).



Prezados navegantes, errantes, mutantes,

Aqui nossos mais sinceros agradecimentos pela potência da vida.

Atenciosamente

Elenise e Renato

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. C. P.; SPEGLICH, E.; ROMAGUERA, A. Ver-a-prender-exsistir-ser-á? In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, 1., 2007, Marília. **Anais...** Disponível em:

<<http://www.gepef.pro.br/EGEPEF/TRABALHOS%20EGEPEF%202007/silvio/EleniseAndrade%5B1%5D.pdf>>. Acesso: fev. 2010.

ANTELO, E. **Instruciones para ser professor**: pedagogia para aspirantes. Buenos Aires: Santillana, 1999

BARRENECHEA, M. A. Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície. In: FEITOSA, C; BARRENECHEA, M. A.; PINHEIRO, P. (Org.). **Nietzsche e os gregos**: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V. Rio de Janeiro, RJ; Brasília: DP&A; Faperj; Unirio, 2006

D'ESCRAGNOLLE-TAUNAY, A. **Monstros e monstrenços do Brasil**: ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1998

_____. **Zoologia fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo; Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999.

DASTON, L.; PARK, K. **Wonders and the Order of Nature (1150-1750)**. New York: Zone Books, 1998.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006. (Estudos, 35).

_____. **Proust e os signos**. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2003.



FERRAZ, M. C. F. **Esquecer em tempos de tecla “save”**. 2008. Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2952,1.shl>. Acesso: fev. 2010.

GAILMAN, N. **Deuses americanos**. São Paulo, SP: Conrad, 2002.

LE GOFF, J. “Documento/monumento”. In: _____. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

PHILLIPS, A. A memória forçada. Trad. Paulo Migliacci. In: Caderno Mais!, **Folha de São Paulo**, Domingo, 20 de novembro de 2005.

PRÉVERT, J. **Carta das ilhas andarilhas**. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo, SP: Editora 34, 2008.

RAGO, M. Rir das origens. In: SILVEIRA, R. M. H. (Org.). **Cultura, poder e educação**: um debate sobre estudos culturais em educação. Canoas: ULBRA, 2005. p. 39-53.

SIMÕES, H. C. **O achamento do Brasil**: a Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel. 2. ed. Ilhéus: EDITUS, 2000, 62p.

TRONCA, I. A. Foucault e a linguagem delirante da memória. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002. p.199-216.



***Elenise Cristina Pires de
Andrade***

Graduada em Ciências Biológicas;
Mestrado e Doutorado na Faculdade
de Educação – Unicamp;
Professora do Departamento de Ciências
Biológicas da Universidade Estadual de
Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA
E-mail: nisebara@gmail.com

***Renato Salgado de Melo
Oliveira***

Graduado em História e aluno de
mestrado do Labjor-Unicamp
E-mail: renatosmo@gmail.com

Recebido e revisado pelo organizador em: 11/05/10
Publicado em: 17/06/10